

AFETO E REPRESENTAÇÃO EM “O ESSENCIAL DE PERIGOSAS SAPATAS”: UMA ANÁLISE DO AFETO NAS RELAÇÕES INTER-RACIAIS ENTRE MULHERES A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS, ESTUDOS PÓS- COLONIAIS E A ANÁLISE CRÍTICA INTERSECCIONAL DO DISCURSO

RESUMO

Este trabalho, que se pretende artigo, é produto da disciplina de mestrado intitulada “Estudos Culturais: teoria e métodos”, neste trabalho proponho uma análise das representações do afeto e de suas ramificações políticas delineadas nas relações entre mulheres, com um enfoque particular nas relações marcadas pela diferença racial. O objeto de estudo escolhido é a coletânea de histórias em quadrinhos “O essencial de perigosas sapatas” (2021) da renomada cartunista Alison Bechdel, as histórias da coletânea foram publicadas entre os anos de 1983 e 2008 em jornais feministas nos Estados Unidos. A análise concentra-se, de maneira específica, no arco narrativo das personagens Clarice e Toni, em um recorte que considera 1 quadrinho, sendo este, o quadrinho onde Bechdel nos apresenta Clarice e Toni. Ao enfrentar esta temática intrincada e abordar essas personagens, torna-se imperativo articular arcabouços teóricos que abranjam a complexidade subjacente. Nesse sentido, proponho uma análise que, em sua elaboração, incorpora abordagens de múltiplas perspectivas. A abordagem que proponho se configura como uma possibilidade de "assembleia epistêmica", que congrega a Análise Crítica do Discurso, os Estudos Culturais, o pensamento Pós-colonial e a Interseccionalidade como ferramentas de análise para o diálogo. A Análise Crítica do Discurso será empregada para desvelar as construções linguísticas presentes nas narrativas, evidenciando como o discurso contribui para a formação das representações do afeto. Os Estudos Culturais serão mobilizados para investigar e contextualizar as relações entre representação e cultura (Hall, 2016) considerando as influências e interações culturais que moldam a compreensão do afeto nas relações afetivas. A abordagem do pensamento Pós-colonial será instrumentalizada para explorar as dinâmicas de poder sob o afeto e suas representações nas relações inter-raciais presentes na narrativa, destacando como as estruturas coloniais podem influenciar as políticas do afeto e as representações afetivas das personagens, aproximando dessa forma, o que será chamado de “colonialidade dos afetos”. Por fim, a Interseccionalidade

(Collins & Bilge, 2021) será incorporada à análise crítica do discurso (Fairclough, 2015), para examinar as interações complexas entre as categorias de poder raça, gênero e sexualidade, reconhecendo a multiplicidade de identidades que moldam as experiências afetivas das mulheres em foco. Ao unir essas abordagens teóricas, este artigo busca oferecer uma análise abrangente das representações do afeto nas relações afetivas inter-raciais entre mulheres, por meio da obra de Alison Bechdel.

INTRODUÇÃO

A cultura, longe de ser um reflexo passivo da sociedade, emerge como um espaço dinâmico de relações de resistência e disputa; não apenas expressa, mas é ela própria, também, a expressão das relações sociais em um contexto específico, moldada pelas condições, modos de produção e existências já estabelecidos. Através da produção e reprodução de valores, signos, práticas, modos de existência, esteriótipos, conceitos e etc, que a cultura exerce um papel fundamental nos processos de popularização de determinados discursos, bem como, de sua legitimação. Dessa forma, o modo pelo qual a cultura ocupa posição central e atua nos processos de construção das identidades e das representações tem gerado diversas discussões e tem sido o foco de numerosos estudos.

Nesse sentido, destaco os estudos do sociólogo jamaicano Stuart Hall que possui grande relevância no campo dos Estudos Culturais. Hall investigou a relação entre cultura e representação em sua obra "*Cultura e Representação*" (2016), considerando a primeira, a dimensão em que se constitui os aspectos da vida social, as subjetividades, identidades e pessoas enquanto atores sociais, sendo assim, ele aponta em um estudo anterior que:

[...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (HALL, 1997, p. 16).

De acordo com o autor, os significados culturais exercem efeitos de sentido e orientam as práticas sociais. A compreensão e assimilação desses significados é essencial para o "cerne" das identidades, já que, possibilitam a sensação de pertencimento. Os signos, possuem significados compartilhados, representando

nossos conceitos, ideias e sentimentos de maneira que outros possam decodificar de maneira semelhante. É dessa forma, como aponta Hall, que as linguagens operam através das representações:

Somos capazes de nos comunicar porque compartilhamos praticamente os mesmos mapas conceituais, e assim, damos sentido ou interpretamos o mundo de formas mais ou menos semelhantes. Isso é, de fato, o que significa pertencer “à mesma cultura”. Uma vez que nós julgamos o mundo de maneira relativamente similar, podemos construir uma cultura de sentidos compartilhada e, então, criar um mundo social que habitamos juntos. Não é por acaso que “cultura” é, por vezes, definida em termos de “sentidos compartilhados ou mapas conceituais compartilhados” [...] Contudo, um mapa conceitual compartilhado não é o bastante. Devemos também ser capazes de representar e de trocar sentidos e conceitos - o que só podemos fazer quando também temos acesso a uma linguagem comum (Hall, 2016, p. 36-37).

Hall aponta, então, a existência de uma linguagem comum que organiza todo um sistema de representação, mas ao considerar as práticas de representação é necessário pensar nas maneiras pelas quais o poder opera e organiza tais práticas, nas formas pelas quais determinados discursos de poder produzem diferentes representações. Um dos exemplos dessas diferenças, podem ser percebido nas representações hegemônicas *mainstream* de personagens LGBTQIA+ nas histórias em quadrinhos dos Estados Unidos a partir de 1989, quando o código “*Comics Code Authority*” da *Comics Magazine Association of America* (Associação Americana de Revistas em Quadrinhos) foi alterado e permitiu a representação desses personagens, contudo, como Kistler (2017) demonstra em seu artigo “*How the Code of Authority Kept LGBT Characters Out Of Comics*”, os personagens “bissexuais, intersex e trans em quadrinhos de super-herói *mainstream* são alienígenas, habitantes de um universo paralelo, ou metamorfos”. Observa-se assim, um regime de representação e suas interseções de poder, que, ao representar a diferença a torna fixa, num processo de estereotipagem que instala uma linha abissal que separa e exclui, portanto, a possibilidade de similaridades desaparece totalmente. Nesse sentido, a cis-heteronormatividade enquanto linha abissal é articulada na diferença entre o que é cis-hétero e o que não o é, e neste caso, o que não o é, é alienígena, metamorfo, algo desviante do ideal dominante (Hall, 2016; Santos, 2007)

É esse mesmo sistema, cis-heteronormativo que regula as relações afetivas e sexuais de maneira dual e binária. Este sistema, tido como padrão natural impõe um modelo relacional ideal e atribui um significado negativo aos modelos relacionais que

não atendem esse padrão. A identidade desses sujeitos e suas formas de construir afetos são deslegitimadas pelas narrativas socialmente aceitas. A mulher lésbica, por exemplo, enquanto sujeito desviante da norma patriarcal, é localizada no imaginário coletivo a partir de figuras míticas em muitas das vezes, fetichizadas; ou ainda, reduzidas unicamente a corpos desorientados, desconexos. (CANCIANI, 2017). A título de exemplo, é devido a essa lógica patriarcal que imputa sentidos e representações aos corpos das mulheres, que a compreensão a partir de múltiplas perspectivas faz-se necessária ao olharmos para as narrativas literárias produzidas por essas. Nesse sentido, se a cis-heteronormatividade é, dentro desse discurso abissal, a única possibilidade legítima de ser e de existir, o que está para além das fronteiras das cis-heteronormatividade? Quais são as formas metamórficas da existência depois dessa linha? Essas formas são universais?. São estas, algumas das provocações que entremeiam este trabalho e também a obra analisada aqui.

A autora, Alison Bechdel, é conhecida por seus premiados trabalhos enquanto cartunista e pelo “*Bechdel Test*”, um teste utilizado para definir a qualidade de uma produção audiovisual, que consiste em analisar as representações das mulheres e que, impreterivelmente, a obra conceba a demonstração de uma conversa entre mulheres cujo tema não sejam homens. Bechdel possui obras de destaque, como “*Fun Home: Uma tragicomédia em família*” (2007) e “*Você é minha mãe?*” (2013), a obra “*Dykes to Watch Out For*” (*Perigosas Sapatas*), publicada entre os anos de 1983 a 2008 em mais de 50 revistas/jornais feministas dos Estados Unidos, recebeu e ainda recebe pouca notoriedade acadêmica em relação às obras conseguintes, porém, ressaltando a sua importância histórica na representação das possibilidades do “existir lésbica” em contexto estadunidense. A obra de Bechdel, se caracteriza por incorporar e representar os fluxos da política e da cultura nos Estados Unidos, dessa forma, o seu exercício crítico registra de forma pontual as mudanças sociais dos anos 1980 à 2008. O objetivo de Bechdel com as narrativas de suas histórias em quadrinhos se concentra no desejo de escrever sobre qualquer tema a partir de personagens lésbicas, em entrevista concedida à escritora Marny Hall, ela afirma: “Quero que uma perspectiva lésbica seja considerada uma perspectiva humana. Não gosto da palavra universal, mas por falta de um termo melhor - uma perspectiva universal. Por que não deveria ser assim? (Bechdel & Hall, 2001; Costa, 2020).

A escolha por ampliar a atenção em “*O essencial de perigosas sapatas*” (2021), se dá, a priori, pela sua relevância em representar a história cultural e política das mulheres lésbicas no Estados Unidos de forma crítica, entrecruzando, dessa forma, o pessoal e o político. Além de, ao representar tais vidas, a narrativa de Bechdel oferece reflexões sobre o apagamento das relações entre mulheres em suas mais diversas formas de expressão. Outro ponto de meu interesse, é investigar a construção e a representação do afeto nas relações afetivas e “homoafetivas” inter-raciais entre mulheres. Enquanto leitora e pesquisadora, percebo um grande número de pesquisas sendo realizadas com foco na análise das relações inter-raciais entre homens e mulheres, e aqui destaco a tese de doutorado de Ana Cláudia Lemos Pacheco “*Branca para casa, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*” (2008) além da clássica obra de Franz Fanon “*Peles Negras, Máscaras Brancas*” (1983). A partir dessas e de outras produções culturais, como por exemplo, filmes, séries, *webseries* novelas, romances e quadrinhos que retratam as relações inter-raciais homoafetivas entre mulheres, mesmo que de forma secundarizada e historicamente nas margens da narrativa, que meu interesse se intensificou pelo estudo dessa temática.

O afeto e a representação do afeto, remontam discussões sociológicas inaugurais em termos do que pode ser considerado digno de estudo ou não, ao considerar fatos sociais que localizam-se e realizam-se “fora da consciência individual” a dimensão afetiva da experiência humana é considerada como um tema de menor importância, algo residual e não-sociológico. Em “*Amor nos tempos do capitalismo*” (2011), a socióloga marroquina Eva Illouz propõe um “tipo” de sociologia, nomeada “sociologia dos afetos”, no qual ela propõe, a partir das referências aos afetos e sentimentos encontradas nos relatos e nas narrativas de clássicos do cânone da sociologia. Illouz, demonstra, por exemplo, como a alienação do trabalho produzida por um regime capitalista resultou em uma redução ou total ausência de vínculo com a realidade, como a estimulação vertiginosa da vida dentro das modernas metrópoles implicou em atitudes crônicas de indiferença dos indivíduos, e também, nesse mesmo sentido, como os avanços sociais e científico-tecnológicos, por outro lado, influenciaram a solidariedade coletiva e a formação de movimentos sociais (Illouz, 2011). Tal percepção atitudinal de indiferença de indivíduos na modernidade, já havia sido observado também pela professora estadunidense bell hooks em sua

obra *“All about love: new visions”* (2001), ao descrever a posição cínica da cultura jovem em relação ao afeto do amor em sua dimensão política e social, e não apenas romântica, ela pontua:

“A cultura jovem de hoje é cínica em relação ao amor. E esse cinismo vem do sentimento dominante de que o amor não pode ser encontrado [...] Todos os grandes movimentos por justiça social de nossa sociedade têm enfatizado fortemente uma ética do amor. No entanto, os jovens continuam relutantes em abraçar a ideia do amor como uma força transformadora” (hooks, 2021, p. 24).

Dessa forma, ao considerarmos as referências citadas por Illouz, a perspectiva de bell hooks e as significativas mudanças na percepção do afeto acarretada pelos processos histórico-culturais, quais estruturas de poder e dimensões das relações sociais o afeto articula e como? Como as percepções sobre o afeto organizam as relações sociais, as percepções da experiência individual e interpessoais na contemporaneidade? A partir dessas provocações, entendo que, a dimensão do afeto e suas políticas são aspectos importantes a serem analisados pois, como afirma Illouz:

“os afetos compõem uma das dimensões motivacionais da ação. Eles são como uma “energia interna” impulsionadora do agir, e que, na prática, se entrelaçam com significados e padrões culturais, relações sociais e instituições (Illouz, 2008, p. 9).

Além das perspectivas oferecidas por Illouz e hooks a respeito dos afetos, quero considerar aqui a influência das estruturas coloniais no afeto, suas percepções, políticas e representações. Walter Mignolo (2009) ao pensar a noção de modernidade cuja conotação era “o momento presente”, enfatiza que esse tempo se referia ao momento europeu e não ao presente, por exemplo, das colônias na América Latina. Assim, o propósito/plano da modernidade possui um lado sombrio (Quijano, 2022), que é continuamente esquecido, os efeitos dos processos de colonização e de destituição. Tais efeitos, implicam, no contexto desse trabalho, ao utilizar a abordagem do pensamento Pós-colonial para investigar as dinâmicas de poder sob o afeto e suas representações nas relações inter-raciais entre mulheres presentes na narrativa, destacando como as estruturas coloniais e seus efeitos podem influenciar as políticas do afeto e as representações afetivas das personagens, aproximando dessa forma, o que será chamado de “colonialidade dos afetos” - que interroga de quais formas o afeto é constituído nos rastros coloniais. Desejo, então, pensar em como essas

estruturas coloniais produzem sentidos e delimitam agenciamentos das personagens a partir do afeto (Silva, 2021)

Por fim, destaco a Análise Crítica do Discurso (ACD) enquanto ferramenta metodológica que tem como objetivo descrever, desconstruir, problematizar e repensar questões que geram desigualdade social em diferentes manifestações discursivas a partir de relações de poder desiguais. Dessa forma, o discurso, aqui pensado concomitante a estrutura social, se relaciona com as estruturas e domínios de poder pensados por Collins & Bilge (2021). Assim, a Análise Crítica do Discurso possibilita investigarmos como a “desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (Wodak, 2004, p. 225). Fairclough (2015), ao conceber a ACD em termos teóricos e metodológicos, propõe um modelo tridimensional, a fim de possibilitar a descrição das construções discursivas através de três eixos inter-relacionados: texto, práticas discursivas e práticas sociais. Nesse sentido, possibilita, a integração do evento discursivo (texto) com as práticas discursivas e sociais. No eixo textual, é imperativo ponderar sobre elementos como léxico, gramática, processos de coesão e a estrutura organizacional do texto em sua totalidade. No eixo das práticas discursivas, é necessário contemplar o evento discursivo (texto) em termos de sua produção, distribuição e consumo, abordando aspectos como força ilocucionária, coerência, intertextualidade e interdiscursividade. Nesse sentido, é pertinente analisar quem produziu o texto, para quem, quando, onde e por que, além de examinar como os enunciados se relacionam com outros textos (o próprio evento discursivo). No eixo das práticas sociais, a abordagem visa elucidar e revelar as ideologias e relações de poder que o permeiam. Torna-se essencial contemplar questões que transcendem o nível textual e que, de certa maneira, orientam as práticas discursivas, especialmente quando se almeja discutir as relações de poder estabelecidas pelos discursos. Portanto, proponho aqui uma interseção da Análise Crítica do Discurso e a Interseccionalidade enquanto ferramenta de análise, a fim de expandir e potencializar a discussão. O entendimento a respeito da interseccionalidade, aqui, não se resume a uma teoria da identidade, uma vez que, tal compreensão reducionista e errônea tenha sido empregada em estudos e discussões; ao articular a interseccionalidade nesse estudo, entendo que esta, compreende a operação do poder na sociedade em um modelo duplo, como apontam as autoras Collins & Bilge (2021), sendo: categorias

de poder e domínios de poder. As categorias compreendem a lista de gênero, raça, classe, sexualidade, etnia e assim por diante; os domínios do poder são: estrutural, cultural, disciplinar e interpessoal. Partindo de sua ênfase na desigualdade social, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica, objetiva analisar como os arranjos específicos das relações de poder das categorias de poder (gênero, raça, classe, sexualidade) operam dentro dos domínios de poder. Assim, desejo construir uma discussão inicial através deste trabalho que considere as relações interseccionais das categorias de poder dentro dos domínios de poder dos afetos.

Adicionalmente, alguns conceitos de arte sequencial propostos por Will Eisner em seu livro *“Quadrinhos e arte sequencial”* (2010) e Scott McCloud em *“Desvendando os Quadrinhos”* (2005) integrarão a análise crítica interseccional do discurso e o diálogo.

Por fim, o esforço teórico e crítico nesse trabalho se estrutura a partir da compreensão de que todas as pessoas estão em relações de poder, assim, podemos construir o diálogo do tema e objeto escolhido, através das perspectivas propostas: a desigualdade social e as interseções do poder (Collins & Bilge, 2021), os discursos de poder e as práticas de representação (Hall, 2016; Fairclough, 2015), a colonialidade do poder e dos afetos (Illouz, 2011, Mignolo, 2009; Quijano, 2022; Silva, 2021).

2. A NARRATIVA VISUAL EM “O ESSENCIAL DE PERIGOSAS SAPATAS” E A POLIFONIA DA IDENTIDADE LÉSBICA

A coletânea de Bechdel, *“O essencial de perigosas sapatas”* (2021) desafia já de imediato, através de seu título, algumas noções dominantes a respeito da identidade lésbica. O termo *“sapata”*, é empregado para denunciar os padrões dominantes de gênero, raça, sexualidade e feminilidade que cruzam as experiências de mulheres lésbicas que não performam tais padrões. A palavra *“perigosas”* é utilizada a fim de desconstruir e provocar a lógica dominante, predominante nos anos 1980 no Estados Unidos, que constituía a identidade lésbica como algo hermético, estranho demais para ser desejada, ou por outro lado, como corpos fetichizados pelo olhar masculino (Bechdel, 2021). Nesse sentido, Bechdel, através das histórias de suas personagens em o *“Essencial de perigosas sapatas”* (2021), tenta “capturar a

essência universal das lésbicas” (Bechdel, 2021). Assim, suas narrativas apresentam uma pluralidade da identidade lésbica, aproximada de suas experiências, tais narrativas capturam características autobiográficas da autora, alguns trabalhos defendem esse teor autobiográfico como “manifestações de seu lugar de fala enquanto mulher lésbica” (Silva, 2022), contudo, há que se pensar esse “lugar de fala” como um dos possíveis lugares de fala a respeito da experiência de ser lésbica e de compreender tal identidade, o lugar de fala, nos aponta para o local ao qual determinada fala se anuncia. Dessa forma, Bechdel fala do lugar de uma mulher, branca, de família católica, que nasceu nos anos de 1960 na Pensilvânia, e declara-se como lésbica, portanto, ao considerar os elementos autobiográficos presentes na narrativa, os considerarei a partir desses lugares.

O núcleo principal de personagens em “*O essencial de perigosas sapatas*” (2021), inclui: Mo, Jezzana, Lois, Toni, Clarice, Ginger e Sparrow. Neste trabalho, em particular, me dedicarei ao casal composto por Clarice e Toni. O primeiro quadrinho a apresentar tais personagens enquanto casal na coletânea, é o de número 7, cujo título é: “Olhem, Clarice e Toni e *elas estão se tornando pessoas respeitáveis*” (Bechdel, 2021, p.6), publicado em 1987, o arco de Clarice e Toni permanece até o final da coletânea. Quando Bechdel apresenta esse casal, escolhe por fazê-lo a partir de uma relação já estruturada ou estável, como aponta a personagem Toni em um requadro do quadrinho de 1988, “...meu relacionamento feliz e estável de seis anos...” (Bechdel, 2021, p. 34). Toni é uma mulher branca, lésbica, feminista, contadora, filha de pais caribenhos, moradores de San Juan e confessamente cristãos. Clarice é uma mulher negra, lésbica, estudante de direito, feminista e ativista, as nacionalidades de ambas as personagens não é informada por Bechdel, mas ambas vivem em solos estadunidenses, mais especificamente na cidade de Minneapolis, Minnesota, cidade ao qual Bechdel também morou.

Em termos gráficos, as palavras são de extrema importância para a narrativa de Bechdel, sendo que os elementos de fundo ocupam um foco reduzido e de pouco valor narrativo, o foco de Bechdel, está primariamente no discurso e nos diálogos, dessa forma os balões ocupam boa parte dos espaços dentro dos requadros enquadrando as palavras, a face das personagens é frequentemente valorizada e suas expressões corporais também. A forma pela qual as representações de

movimentos e expressões corporais são construídas pelo artista implicam na recepção da obra e no processo de identificação e auto-identificação dos receptores. Segundo Eisner (2010, p. 61), a configuração estrutural do meio quadrinístico, aliada ao tratamento dos quadros escolhidos pelo artista, desempenha um papel crucial na promoção de um envolvimento emocional entre o leitor e a narrativa apresentada. McCloud (2005, p. 187-188), por sua vez, destaca a relevância da utilização de cores nesse meio, argumentando que estas desempenham funções significativas na expressão de estados emocionais, na adição de profundidade e na evocação de diversas sensações no público leitor. Na obra de Bechdel, percebe-se a ausência de cores, uma vez que, a autora escolhe utilizar o preto e branco em grande parte das histórias de sua coletânea. O que se torna um ponto de atenção, pois dessa forma, ao retratar as personagens negras, Bechdel o faz através de características capilares e faciais, dessa forma, a coloração ou ausência de coloração das peles das personagens pode ser percebida e interpretada de diversas formas pelos leitores.

2.1 AFETO EM FOCO: O ARCO NARRATIVO DE CLARICE E TONI

Para a apresentação e discussão do núcleo narrativo de Clarice e Toni em “*O essencial de perigosas sapatas*” (2021), selecionei 1 tirinha da coletânea, de forma que este recorte compreenda a tirinha de apresentação do casal e possibilita discussões interessantes acerca do afeto.

O quadrinho de apresentação de Clarice e Toni enquanto casal, como citado anteriormente, é o quadrinho de número 7 (fig 1 e 2) e é através dele que essa análise se inicia. O título do quadrinho é “Olhem, Clarice e Toni e *elas estão se tornando pessoas respeitáveis*” (Bechdel, 2021, p.6), a tirinha apresenta 14 quadros e 5 personagens. Nos primeiros 3 quadros, é importante atentarmos para o diálogo entre Clarice e Mo ao telefone; durante a conversa é possível perceber que Clarice está segurando uma chaleira e Toni está saindo, enquanto Mo reclama de sua vida amorosa e sexual Clarice permanece escutando-a, em dado momento, Clarice acolhe as reclamações de Mo e tenta tranquilizá-la afirmando que “Eu sei Mo. Mas é primavera! As coisas vão voltar a acontecer!” (Enunciado). Mo parece concordar com Clarice em um quadro que justapõe as duas personagens através de uma separação não linear, questiona “...como tão você e a Toni?”(Enunciado) enquanto

segura seu animal de estimação; Clarice prontamente responde “Ótimas! Sabe, acho que nunca estive tão feliz! Na verdade...”(Enunciado) no próximo requadro percebemos que a ligação foi encerrada.

Esse diálogo inicial, nos oferece um recurso textual e algumas escolhas gráficas interessantes. Através do diálogo percebemos os limites da escuta e da fala nas relações; aqui, Mo, é escutada por Clarice em termos de suas aflições amorosas e sexuais e é acolhida, porém, o mesmo não acontece quando Clarice enuncia o seu contentamento a respeito de relacionamento. O terceiro requadro, coloca as personagens em uma espécie de plano fechado e justapostas, através de uma espécie de linha denteada, percebe-se, através dessa linha a tensão do momento representada por esse recurso. É possível afirmar que Bechdel o utilizou de forma intencional, para focalizar a tensão do momento, já que em outros requadros semelhantes a autora não utiliza o recurso dessa forma. Assim, ao apresentar essa tensão, somado ao requadro 4, Bechdel reforça o incômodo de Clarice em relação a atitude de Mo. Neste, Clarice aparece em um monólogo dizendo: “Maravilha. Bom, preciso ler os classificados amorosos. Brigada por me escutar, Clarice!” (Enunciado), ainda em plano fechado, o balão que contém o monólogo de Clarice é construído através do traçado denteado, que de acordo com Eisner (2010, p. 46) “Expressa um estado de tensão...”, além de suas expressões que demonstram o incômodo e reforçam o tom irônico promovido pelo recurso textual.

Nos próximos dois requadros (5 e 6), Bechdel continua explorando os limites de fala e escuta nas relações de Clarice além do próprio relacionamento amoroso da personagem com Toni. Ao interagir com uma mulher negra no requadro 5, Clarice é questionada “Ótimo te ver, Clarice. Fazia **meses!** E ai, você e a Toni ainda tão juntas?” (Enunciado), ao que Clarice responde “Hm, pelo que eu sei sim.” (Enunciado). No requadro 6, observamos Clarice novamente oferecendo sua escuta à uma mulher branca, que relata “A Ângela, minha outra namorada, acha meio tenso eu sair com a Naomi. A Ângela pensa de forma **linear**. Não consegue **transcender** o **pensamento monogâmico**” (Enunciado), o requadro indica uma temporalidade, provavelmente demonstrando o final do dia, o que colabora para as expressões de cansaço de Clarice, não apenas em decorrência das atividades do seu dia, mas também, um cansaço relacionado às interações e suas posições nessas interações.

Posta estas narrativas iniciais, é interessante observar a maneira pela qual as interseções das categorias de poder (Collins & Bilge, 2021) operam dentro do campo dos afetos, de forma que Clarice vivência a experiência prática do afeto de ser escutada de uma maneira distinta da forma pela qual outras mulheres vivencia. Nos quadros abordados, Clarice é representada enquanto uma mulher negra, lésbica e em uma relação monogâmica com Toni, e tais interseções, portanto moldam a forma pela qual ela recebe o olhar, a escuta, a atenção e o acolhimento. Grada Kilomba, em sua palestra-performance “*Descolonizando o conhecimento*” (2021), indaga:

“Quem pode falar? Quem não pode? E acima de tudo, **sobre o que** podemos falar? **Por que** a boca do sujeito Negro tem que ser calada? Por que ela, ele, ou eles/elas têm de ser silenciados/as? O que o Negro poderia dizer se a sua boca não estivesse tampada? E o que é que o sujeito *branco* teria que ouvir? (Kilomba, 2021)

Kilomba, apresenta através de seus questionamento um sistema racista que constantemente silencia as vozes de pessoas negras, pois nesse sentido, “se o colonizado/a falar, o/a colonizador terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do Outro.” (Kilomba, 2021). A verdade de Clarice, está interseccionada a sua existência, ao julgo que a antecede em qualquer circunstância dentro de uma lógica colonial e racista, a realidade dentro dessa lógica, é que apenas uma voz pode falar, apenas uma voz está legitimada e autorizada a falar; e é esse mesmo sistema colonial que em sua lógica perversa coloca o negro como o outro, o não ser, fundamento do ser e a mulher negra, então, o outro do outro. É dessa forma, que opera a impossibilidade do subalterno falar (Spivak, 2010), pois, nesse sentido, a mulher negra sofre duplamente a opressão, ela não será ouvida. E se escutar é pertencer, como afirma Kilomba (XXXX), dificilmente há pertencimento para a mulher negra.

Outro ponto que requer atenção, além da escuta como prática do afeto, é a forma como Clarice é questionada a respeito do status de sua relação com Toni, chegando até mesmo a ser reduzida à sua relação. No quadro em que Clarice responde Mo, ela afirma estar feliz com sua relação e o texto indica que a personagem continuaria sua fala, porém é interrompida pelo fim abrupto da ligação. A relação lésbica ainda é objeto de questionamento, já que um sistema patriarcal, colonial, capitalista não concebe formas outras de relações para além do sistema monogâmico-cishetropatriarcal de matriz colonial. Portanto, a marginalização dessas

existências e relações é o modo pelo qual o poder organiza seus jogos de simetria e assimetria para justificar desigualdades sociais e seus regimes de representações. No imaginário comum, as relações homoafetivas estão fadadas ao fracasso, pois tais sujeitos estão sob a exigência de um sistema fálico. Ainda, as relações homoafetivas entre mulheres estão sob um regime de representação que as reduz, em um processo de estereotipagem (Hall, 2016), onde os olhares fetichizados dilaceram as relações lésbicas, posicionando tais relações de forma caricata e nesse sentido, teremos uma relação de performance, onde uma das sujeitas da relação performa um certo tipo de masculinidade e a outra um certo padrão de feminilidade, por outro lado, esses olhares que dilaceram hipersexualizam essas relações, reduzindo-as apenas ao campo sexual, impedindo a existência de uma outra dimensão afetiva; ainda, outro aspecto desse tipo de olhar, é uma certa prática, por muitas vezes mal interpretada, o “*rebuçeteio*”, que consiste em grupo de mulheres onde todas já se relacionaram entre si, tal prática, tem sido interpretada no senso comum como uma prática antiética, libertina, desviante; porém ressalvo aqui que as formas de relação são múltiplas, assim como a existência lésbica e tais reflexões operam no sentido desejado por Bechdel, ao representar possibilidades plurais de existência.

No que se refere à temporalidade das relações lésbicas, o que opera é a lógica de mercado e do consumo, dessa forma sujeitos são produtos de consumo e são consumidos por outros sujeitos, que também são produtos, portanto a descartabilidade é a possibilidade do novo e é a regra do dia dentro dessa lógica capitalista. As representações e práticas discursivas dominantes somadas à essa lógica capitalista, a respeito das relações lésbicas, esvaziam as práticas afetivas dessas relações pois não são consideradas uma prática digna de legitimação pelo sistema cis-heteropatriarcal, e ainda, são afetos constituídos como desviantes, a partir dos efeitos do colonialismo. Outro ponto de atenção é a forma pela qual Clarice é reduzida à sua relação, a mulher que a indaga pontua que não a via há meses e logo em seguida questiona sobre seu relacionamento. Nas discussões de gênero a respeito do papel social da mulher percebe-se a noção que Gerda Lerner (2019) pontua, onde “o primeiro papel social da mulher definido pelo gênero foi ser trocada em transações de casamento”; historicamente a mulher é subalternizada e tem sua existência reduzida às relações de troca como pontuadas por Lerner, além de que o lugar social da mulher em uma família nuclear patriarcal era localizado nos seus

deveres domésticos e o cuidados com os filhos e ser exemplarmente amorosa. Essa lógica ainda hoje é reproduzida, reduzindo de maneiras diferentes a mulher na sociedade.

No requadro de número 6, percebemos uma personagem branca relatando seus relacionamentos e os informando brevemente sua posição a cerca de monogamia. Para esta personagem, é imperativo “transcender o pensamento monogâmico” e pensar de forma não-linear; a posição dessa personagem reflete um processo histórico-cultural dos movimentos sociais nos Estados Unidos, no ano em que Bechdel publica essa tirinha, a luta por direitos civis continua e tem foco nas questões raciais e de gênero, movimentos ativistas se mobilizavam para combater a discriminação e promover os direitos da população LGBT em um cenário epidêmico de HIV/AIDS. As discussões acerca da não-monogamia, já haviam sido observadas com os movimentos hippies entre os anos de 1960 e 1970, *“Open Marriage: A New Life Style for Couples”* (1972) de Nena O’Neill e George O’Neill foi um trabalho seminal que examinou possibilidades de relações abertas, na década de 1980 era tida como uma prática de grupos poliamorosos marginalizados, e a partir de 1990 o movimento poliamoroso começa a se organizar, um marco literário da época é *“The Ethical Slut: A Practical Guide to Polyamory, Open Relationships & Other Adventures”*(1997) que explora a ética e a prática de relacionamentos poliamorosos e não monogâmicos consensuais, fornecendo orientações práticas e reflexões sobre a diversidade de escolhas relacionadas ao amor e à intimidade, mais recentemente, a obra *“Desafio Poliamoroso: por uma nova política dos afetos”* (2022) de Brigitte Vassallo ganhou destaque. A escolha de Bechdel, ao introduzir a discussão da não-monogamia, é pertinente ao funcionar como um reflexo dos processos histórico-sociais da época e, mas especificamente, ao arco narrativo de Clarice e Toni, pois mais tarde, será objeto de discussão e exploração das personagens. Contudo, no requadro 6, o relato da personagem branca, posta por Bechdel, percebemos como pautas de determinados grupos e suas práticas podem ser enviesadas pela falácia meritocrática do neoliberalismo progressista, que entremeia as subjetividades e opera na lógica onde “indivíduos merecedores de grupos sub representados obtém posições...” (Fraser, 2020, grifo da autora), dessa forma, a personagem ao pontuar que: “Ângela pensa de forma linear. Não consegue transcender o pensamento monogâmico” (Enunciado),

reduz a discussão e ignora que a monogamia não é simplesmente uma forma linear de pensamento, mas é de acordo com Vassallo:

“um sistema que determina não apenas nossas relações, mas também as formas de organização da sociedade, como o Estado-nação. Trata-se de uma estrutura que distribui e retira privilégios e, articulada ao modo de produção, promove violências contra os corpos que fogem às suas determinações.” (Vassallo, 2022)

Assim, transcender e descolonizar o pensamento não é uma atividade simples a ser realizada, pois as subjetividades e os afetos ainda preservam as estruturas da colonialidade. Uma tentativa de descolonizar seria uma tentativa de desarranjar a temporalidade que nos constitui, e essa tentativa, como afirma Maldonado-Torres (2020), é um projeto coletivo. Ainda nesse sentido, ao considerarmos as interseções do poder (Collins & Bilge, 2021), tal tarefa revela camadas e camadas de complexidade. Outro ponto interessante na fala da personagem, é o emprego da palavra “transcender”, que por sua vez, nesse contexto, nos oferece algumas ideias. O movimento hippie nos Estados Unidos comumente utilizava a palavra “transcender” associada às práticas espirituais, mas também, a ideia de ir além das limitações convencionais, superar barreiras sociais, culturais e alcançar um estado superior de consciência. Nesse sentido, há uma constante produção de modos outros de ser, de desejar, um imperativo devir que nos situa em outras significações, para além das significações dominantes, a criação de outros modos de identificação, outros modos de criação; uma fuga não acovardada como cita Deleuze (2004): “Pode ser que fuja, mas ao longo da minha fuga procuro uma arma”, o devir como fuga dentro do próprio mundo, como uma forma de suspender os céus e contar novas histórias (Kopenawa, 2015; Krenak, 2019).

Outra conotação que a ideia de transcendência carrega é a de superioridade, é o sentido esquadrihado pela colonialidade, que produz e reproduz o “colonizado/colonizador”, o “superior/inferior”, que fixa e aprisiona subalternidades, onde a produção do devir é mantida pela temporalidade - o sistema moderno/colonial. Retomando o diálogo da personagem com Clarice, a sua fala evidencia sua posição superior, pois a mesma, “conseguiu transcender o pensamento monogâmico”, e é a partir de suas experiências que a sua fala está localizada (Ribeiro, 2019), uma postura,

que ao excluir, se afirma. A personagem, imputa uma incapacidade de Ângela, pois a mesma “não consegue transcender o pensamento monogâmico”, e ao fazer isso, não considera as variadas formas pelas quais as categorias de poder (gênero, raça, classe, sexualidade) interseccionam os corpos e produzem diferentes experiências, além, do mais, a afirmação da personagem, tende a um processo de culpabilização e individualização, o que reforça a colonialidade dos afetos e suas políticas de subjetivação, e ainda, reafirma uma dinâmica do poder disciplinar, onde “...a sociedade de desempenho só é inculpadora” (Han, apud. Stromquist, 2019). Outro ponto interessante do diálogo é que a personagem ao afirmar que Ângela é a “outra namorada” e que mesma acha “tenso” ela sair com outra pessoa, torna sua fala complexa, se não, contraditória. As redes afetivas são um ponto de observação de Vassallo (2022), o qual nos ajudaria a pensar essas complexidades e possíveis contradições, no entanto, não pretendo aprofundar aqui essa discussão.



Figura 1. Pessoas Respeitáveis. Bechdel 2021.



Figura 2. Pessoas respeitáveis. Bechdel, 2021.

Na segunda parte da tirinha (Figura 2), temos um diálogo entre Clarice e Toni, a segunda parte possui 7 requadros, onde pode-se observar as personagens ocupando grande parte dos espaços dos requadros e são apresentado, quase em sua totalidade, em planos fechados, onde podemos observar melhor suas expressões faciais e movimentos. No primeiro requadro da segunda parte, observa-se Clarice chegando em casa e encontrando Toni, este requadro está dividido, na parte superior temos Clarice entrando na cozinha, e na parte inferior Bechdel mostra Clarice e Toni se encontrando na sala. O recorte do requadro, desta vez, é reto, porém a escolha de dividi-lo acentua os movimentos de ação (Clarice andando, atravessando a cozinha e chegando na sala), mas também, pode indicar um estado de ansiedade de Clarice, o que é reforçado pela sua fala na parte inferior do requadro. Clarice prontamente questiona sua companheira: “Toni, eu ainda sou seu único amor?”(Enunciado), ao que Toni responde: “Acho que sim. Por quê?(Enunciado). O questionamento de Clarice, nos oferece algumas perspectivas a respeito do afeto amor; bell hooks em “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” (2021), aponta para uma virada cultural onde o discurso do amor passa de um afeto de afirmação da vida nos anos 1960 e 1970, para um afeto insignificante na atualidade. Ela afirma que quando mulheres escrevem ou falam sobre o amor, elas “falam de um um lugar de falta, de não terem recebido o amor que desejavam” (Hook, 2021, p. 28).

Essa afirmação de hooks, corrobora com as ideias reproduzidas desde Platão, que percebem o desejo como falta, e em sua obra “Banquete”, ele fala sobre um ser que busca eternamente sua outra metade, ou seja, a história fala sobre a incompletude do ser; no entanto, para outros filósofos o desejo não é falta, é produção. A ideia do desejo como falta, permitiu então o entendimento comum de que a união com o outro, através do afeto de “amor verdadeiro”, seria possível experienciar um estado de completude. Dessa forma, o amor é aprisionado nessa lógica. Nesse sentido, o amor romântico (amor verdadeiro), tem por promessa a felicidade na completude com o outro (que seria o único amor), a religião aqui também funciona como instituição legitimadora do discurso ao passo que reafirmam o gênero dentro desse sistema. Às mulheres compete o que é do sensível, do subjetivo; aos homens compete o que do racional, do objetivo.

Em um regime racializado, é necessário pensarmos nas experiências de afeto de mulheres negras. Hooks afirma:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (Hooks, 1995, p.464-478).

Portanto, às mulheres negras eram reduzidas à dimensão sexual e as mulheres brancas ao casamento e consideradas dignas de afeto de amor. Assim, a colonialidade dos afetos impede essas mulheres de experienciar os afetos de amor, de cuidado, escuta, atenção, pois, a representação da alteridade que é fixada nesse processo é a do inimigo. As interseções de poder que cruzam a experiência de Clarice, estão, portanto, representadas em seu questionamento à Toni e na escolha de Bechdel ao representar tais questões através desta personagem. O questionamento de Clarice, não apenas foi gerado pelos diálogos e interações ao longo da tirinha (e do seu dia), mas são interrogações que cruzam estes corpos diariamente e de forma histórica. Clarice representa uma subversão das lógicas patriarcais/coloniais, é uma mulher negra, lésbica, intelectual que questiona, dessa forma, estruturas de poder. No entanto, o domínio disciplinar, estrutural, cultural e

interpessoal (Collins & Bilge, 2021) dos afetos que opera sob uma matriz colonial, e que, atuam nas subjetividades delimita ainda, certas experiências afetivas ou as torna inexistentes para estes corpos.

No requadro de número 2 da segunda parte, podemos ver uma demonstração física de afeto, pois Clarice e Toni são apresentadas em uma espécie de abraço. Clarice confessa o medo que estava sentindo ao longo do dia, de que Toni teria “decidido que a monogamia era muito linear, e tivesse transcendido”(Enunciado). A escolha de Bechdel, ao repetir as palavras utilizadas no diálogo anterior de Clarice e sua colega, é provocativa, ao passo que para Clarice sua confissão realmente demonstra uma real preocupação e sensação de medo, por outro lado uma leitura irônica também poderia ser feita. Quero ressaltar aqui, a sensação confessa de medo da personagem; o medo é relacionado a possibilidade de abandono e não podemos desconsiderar que mulheres negras vivenciam essa experiência de abandono e de solidão afetiva de maneiras diversas, e mais frequentes em relação à mulheres brancas, e ainda, mulheres negras e ativistas de acordo com Pacheco (2008), vivenciam de forma ainda mais frequente tais experiências, o que é o caso de Clarice.

A mulher negra sofre de maneira mais profunda a pressão no sentido do branqueamento, especialmente, do ponto de vista estético [...] E por ser, geralmente, a principal responsável pela educação dos filhos, a mulher negra é utilizada como canal de repasse dos sentimentos de inferioridade impostos pela sociedade, e que causa tantos danos à auto-estima de crianças e jovens negros. Por outro lado, o homem negro, também vítima destas contradições, tende a afastar-se da mulher negra em virtude da ideologia que os inferioriza, relegando a solidão [...] (MNU, 1992, apud Pacheco, 2008, p. 1).

O medo de Clarice, é justificado então, pelo trecho acima. Ainda, na tirinha, Clarice aponta que um possível cenário de seu abandono, seria a transcendência de Toni, ao abandonar o pensamento linear monogâmico. É interessante a escolha de Bechdel, por demonstrar que a possibilidade de uma não-monogamia estar endereçada a corpos brancos, de modo que, Clarice em nenhum momento da tirinha é apresentada cogitando a não-monogamia como possibilidade em sua experiência. Isso, demonstra, que a colonialidade dos afetos ainda determina quais práticas de afeto são legítimas e reservadas aos corpos brancos e quais práticas de afeto são legítimas e reservadas aos corpos negros. Toni, por sua vez, responde Clarice: “Bom... é meio careta mesmo. Mas acho que você tá presa a mim.”(Enunciado), através da fala de Toni, percebemos um certo tipo de consciência crítica a respeito

do sistema monogâmico, ao afirmar que tal modelo de relação seria careta. No requadro 3, da segunda parte, nele Clarice indaga a percepção que algumas pessoas têm a respeito do modelo de sua relação como algo careta, e que a expectativa de tais pessoas é que seu relacionamento acabe, ela diz: “Como se esperassem que a gente terminasse!”(Enunciado). Bechdel, nos demonstra aqui, que Clarice tem uma determinada leitura a respeito das indagações que lhe são feitas, e que tais indagações geram em si um desconforto, que mobiliza suas subjetividades em torno do afeto. Mais tarde, na história, Bechdel demonstra como a colonialidade dos afetos atravessa Clarice e inaugura na personagem uma concordância em relação à legitimidade de sua relação, levando-a a pedir Toni em casamento, contrariando posições iniciais da personagem a respeito do matrimônio (Bechdel, 2021, p. 57)

No requadro 4, da segunda parte, Bechdel representa através da fala de Clarice, uma incapacidade crônica de escuta e interesse em histórias felizes. Clarice aponta: “E ninguém quer ouvir sobre como eu tô feliz com você. Só se interessam por discórdias amorosas”. É compreensível que em uma sociedade de inimizade (Mbembe, 2017) e do espetáculo a expectativa social gire em torno de conflitos, disputas e de modo geral, pelo discurso de ódio, e que o afeto e suas múltiplas práticas, tornem-se algo a ser exterminado, torne-se um “signo da morte” quando praticada de formas subversivas e por determinados corpos. A felicidade, o amor, os cuidados, não são afetos desejados dentro dessas sociedades de inimizade. A espetacularização do ódio, também atribui a noção de inocentes e culpados, e em grande parte, a pele negra é culpada pelas hostilidades e violências do cotidiano, e quando são corpos brancos hostis, a passabilidade pela noção colonial de “civildade” os inocenta. A colonialidade dos afetos posiciona a escuta e o olhar às violências e hostilidades que estes corpos pretos “promovem”, nesse sentido, Clarice não tem voz e não pode ser escutada, especialmente se sua fala partir de um lugar amoroso. Clarice não pode ser amante e não pode ser amada, dentro dessa lógica, pois as categorias que interseccionam a sua existência delimitam também suas possibilidades de agência no afeto. No entanto, mesmo diante de inúmeras opressões, das ausências de acolhimento pela própria comunidade sapata que a circula, da constante expectativa de fracasso, Clarice permanece praticando seus afetos, demonstrando o que Karina Vieira, aponta no prefácio de *“Cartas de amor para mulheres negras”*(202) da poeta brasileira Midria: “O afeto nos pertence. E são

os afetos, os múltiplos, os tantos, que nos situam, nos mobilizam e nos dão direções, são eles que nos autorizam a sentir” (Midria, 2022, p 5).

Para finalizar, nos requadros finais a solução encontrada por Clarice e Toni em relação a ausência de validação pela comunidade de sapatas é uma confirmação simbólica do compromisso de ambas. As falas das personagens ironizam a situação, em um ácido de humor. Freud em “*Os chistes e sua relação com o inconsciente*”(1905/1996), compreende o humor para além de um posicionamento defensivo, o humor e suas políticas seriam portadores de uma potência política e erótica. Dessa forma, o humor das personagens apoia-se em um absurdo: “uma conta conjunta!”(Enunciado), deslocando o desconforto (colonialidade dos afetos) para um lugar seguro de construção de sentido (um devir). Além de que, é justamente a partir desse (absurdo), que elas se tornaram “pessoas respeitáveis”. O humor enquanto recurso diante do absurdo é uma forma comum de sobrevivência, uma prática afetiva, principalmente de grupos subalternizados. Assim, podemos observar como afeto e suas práticas tecem o tecido da vida, mobiliza e opera, produzindo e reproduzindo experiências distintas aos atores sociais envolvidos.

CONCLUSÃO

Na presente análise, a história em quadrinhos de Alison Bechdel emergiu como uma narrativa carregada de significados, o que proporcionou reflexões acerca das dinâmicas inter-relacionadas de afeto, poder e identidade. Os diálogos e escolhas gráficas da artista possibilitaram uma investigação crítica sobre as complexidades do afeto. A extensão da análise para as vivências específicas de mulheres lésbicas, e de, mulheres negras e lésbicas revelou-se essencial, uma vez que, as ramificações da colonialidade dos afetos foram observadas. O trabalho de Bechdel, portanto, compartilha representações subversivas e múltiplas das experiências de mulheres lésbicas nos Estados Unidos, assim, as narrativas de suas personagens encarnam a resistência, questionando estruturas de poder e desafiando normas estabelecidas.

O arco narrativo que contempla as personagens Clarice e Toni oferece, não apenas uma janela para as experiências individuais de Clarice, mas, de maneira mais ampla, destaca as interseções de poder e de sua colonialidade, que permeiam as relações afetivas diárias de mulheres lésbicas. Através da Interseccionalidade (Collins

& Bilge, XXX), foi possível examinar as interações complexas entre as categorias de poder, raça, gênero e sexualidade. A multiplicidade de identidades que moldam as experiências afetivas das mulheres em foco, proporcionaram uma compreensão das complexidades envolvidas. A Análise Crítica do Discurso, associada à Interseccionalidade contribui de maneira essencial neste trabalho, ao desvelar as construções linguísticas presentes na tirinha, revelando como o discurso contribui de maneira significativa para a formação das representações do afeto.

A colonialidade dos afetos e suas políticas, investigada a partir das narrativas propostas por Bechdel, reafirmam a necessidade de criar novas teias discursivas, desfiar a linha abissal das representações dominantes, friccionar até arder os discursos hegemônicos, e então, pensar os afetos a partir de outros lugares e experiências. bell hooks, a partir da centralidade do amor, afirma seu poder transformador, capaz de promover mudanças sociais significativas, dessa forma, o afeto em suas mais variadas formas e práticas, estabelecem novos devires. E é nesse sentido, se aspiramos por dignidade humana, esta posta uma das possíveis possibilidades de suspender o céu e cultivar jardins em um mundo em ruínas.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

hooks, bell. **Intelectuais negras**, EstudosFeministas. 1995.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021

BECHDEL, Alisson. O essencial de perigosas sapatas. São Paulo: Todavia, 2021

BLUNDELL, Valda, SHEPHERD, John e TAYLOR, Ian (orgs.) 1993: **Relocating Cultural Studies** - Developments in Theory and Research, London: Routledge.

CANCIANI, Pâmela Maira Chaves. **Sapatão é resistência! (In) visibilidade lésbica, identidade... e os direitos humanos?**. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Universidade Regional do Noroeste do do Estado do Rio Grande do Sul, pág 11,12. 2017.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Priscilla Thuany C. F. da. **Protagonismo e existência lésbica nos quadrinhos estadunidenses: uma análise de Dykes To Watch Out For**, de Alison Bechdel. João Pessoa: UFPB, 2020.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2004.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. 3 ed. Londres: Longman, 2015[1989].

FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**, tradução de Maria Adriana da Silva Caldas, Ed. Fator, Rio de Janeiro, 1983.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. In Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>.

KISTLER, Alan. **How the “Code Authority” Kept LGBT Characters Out of Comics**. 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Plavras de um xamã yanomami**. trad. Beatriz Perrone. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado. História da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADOTORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e**

pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005

MIGNOLO, Walter. **El lado más oscuro del Renacimiento**. Universitas Humanísticas, nº 67, 2009

PACHECHO, Ana Cláudia Lemo. **Branca pra casar, mulata para f...., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras e Salvador/Bahia**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, pág 13. 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade do saber eurocentrismo ciencias sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf). Acesso e 8 abr. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. 2007.

SILVA, Ruan Nunes. **Lucy como coceira colonial ou a colonialidade dos afetos**. Curitiba: UNIANDRADE, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STROMQUIST, Liv. **A rosa mais vermelha desabrocha: O amor nos tempos do capitalismo tardio ou por que as pessoas se apaixonam tão raramente hoje em dia**. São Paulo: Cia, 2019

VASSALO, Brigitte. **O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos**. São Paulo: Elefante, 2022

WODAK, Ruth. **Do que trata análise crítica do discurso: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. Linguagem em (Dis)curso, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004